

QUINTAIS PRODUTIVOS FAMILIARES: SISTEMATIZANDO A EXPERIÊNCIA DO PROJETO LUANAS NEGRAS, NO ASSENTAMENTO LUCAS DANTAS, BAHIA.

ADRIANO COELHO DE ALMEIDA¹
Tecnólogo em Agroecologia (UFRB), Técnico de ATER

FABRÍCIO RIBEIRO CAIRES BRITO²
Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho – ETALC

VIVIANE DE JESUS BARBOSA³
Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho - ETALC

Resumo: O artigo sistematiza a experiência do Projeto Luanas Negras, desenvolvido entre abril de 2022 e junho de 2023, no Assentamento Lucas Dantas, área conquistada pelo Movimento dos trabalhadores/as Rurais Sem Terra (MST), na cidade de Ituberá, Bahia. O objetivo do projeto foi estudar e atender as demandas de mulheres jovens negras, buscando a qualificação dos quintais produtivos, promovendo a autonomia, a participação na dinâmica produtiva agroecológica, atendendo às necessidades da família em relação à segurança alimentar. As beneficiárias eram estudantes e egressas do curso médio técnico integrado em agroecologia na Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho (ETALC). Baseada na concepção da Agroecologia apresentada por Caldart, Altieri e pelo MST, foi escolhido como principal instrumento de planejamento os Planos de Transição Agroecológicas (PTA), partindo da realidade das pessoas na construção de caminhos da transição. A materialização deste instrumento só foi possível pelo vínculo da equipe de Assistência Técnica Rural (ATER) com o assentamento e ao MST, e posteriormente, pela prática da Educação Popular, apresentada por Paulo Freire e Ranulfo Peloso, e as elaborações de Caporal no tocante ao Desenvolvimento Rural Sustentável e Assistência Técnica Rural Agroecológica. Foram atendidas diretamente 16 famílias com as ações do projeto, mediante visitas técnicas, elaboração de um plano de transição agroecológico (PTA), aquisição de insumos e implantação e qualificação de hortas e galinheiros. Realizou-se também duas formações: uma sobre o manejo animal agroecológico e outra sobre racismo e questão agrária. Houve ainda, a produção de dois materiais, sendo um audiovisual em formato de documentário e o outro em forma de cartilha.

Palavras-Chave: Agroecologia; Educação popular; Escola Luana Carvalho.

Abstract: The article systematizes the experience of Luanas Negras Project, developed between April 2022 and June 2023, in the Assentamento Lucas Dantas, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), in the city of Ituberá, Bahia. The objective of the project was to study and meet the demands of young black women, seeking to qualify productive backyards, promoting autonomy, participation in agroecological productive dynamics, meeting the family's needs in terms of food and nutritional security. The beneficiaries were students and graduates of the integrated technical secondary course in agroecology at the Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho (ETALC). Based on the conception of Agroecology presented by Caldart, Altieri and MST, it was chosen as the main planning instrument for the Agroecological Transition Plans (PTA), based on the reality of people in the construction of transition paths. The materialization of this instrument was only possible firstly through the link between the Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) with the settlement and the MST, and later, through the practice of Popular Education, presented by Paulo Freire and Ranulfo Peloso, and Caporal's elaborations regarding to Sustainable Rural Development and Agroecological Rural Technical Assistance. 16 families were directly served with the project's actions,

through technical visits, preparation of an agroecological transition plan (PTA), acquisition of inputs and implementation and qualification of vegetable gardens and chicken coops. Two training courses were also held - one on agroecological animal management and the other on racism and agrarian issues - and the production of two materials, one being audiovisual in documentary format and the other in the form of a booklet.

Keywords: Agroecology; Popular education; School Luana Carvalho

1. INTRODUÇÃO - SUJEITOS E CONTEXTOS

Os quintais produtivos estão vinculados à agricultura camponesa e à produção familiar. É no quintal que está grande parte dos alimentos para o consumo da família no dia-a-dia e é nesse espaço que a participação da mulher se evidencia, como a principal promotora na composição da diversidade de plantas e espécies que compõem a renda familiar.
(Antônia Ivoneide)

A epígrafe acima reflete a importância dos quintais na segurança alimentar e nutricional camponesa e sob tal égide, este trabalho objetivou apresentar a experiência do Projeto Luanas Negras, desenvolvida pela Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho (ETALC), onde o enfoque principal foram os Quintais Produtivos Familiares (QPF).

A ETALC está localizada no assentamento Josiney Hipólito, no Km 15, zona rural da cidade de Ituberá. A escola é referenciada nas epistemologias da Educação do Campo, na Pedagogia Socialista e na pedagogia do Movimento Sem Terra, em que a agroecologia e as tecnologias sociais fazem parte do seu contexto e da sua fundamentação.

A Escola está em pleno funcionamento desde o ano 2015, onde oferta cursos formais e não formais, seminários, vivências entre outras atividades (Brito, 2023). Atualmente, atende as demandas de cursos de Ensino Médio, Ensino Profissional Integrado e Subsequente, sendo este último na pedagogia da alternância. Além dos cursos formais, outras atividades como oficinas, são ofertadas na escola. Vale ressaltar sobre a formação do Coletivo de Educadores, que tem como objetivo o contínuo amadurecimento dos processos pedagógicos, sejam nas atividades educativas (formais e informais) ou no processo de formação permanente dos educadores, sendo uma das grandes diferenças da ETALC, bem como em distintas escolas do MST (MST, 1996).

Os jovens, negros, filhas e filhos dos trabalhadores do campo compõem quase todo o público educando da ETALC, sejam assentados da área de reforma agrária do MST, do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Ituberá, do Plano Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) ou outras formas de acesso à terra pela luta. As questões de raça, gênero e classe

geram problemas educacionais, levando em consideração o choque geracional e as necessidades, ainda vivas, do latifúndio atrasado ituberanaense sobre suas vidas.

Sobre esta população, majoritariamente negra, a sociedade estruturalmente racista não poupa esforços para sua exclusão, ou seja, os diversos “processos históricos e políticos, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, [estes] grupos racialmente identificados, sejam discriminados de forma sistemática” (Almeida, 2020, p. 51) e as consequências são diversas e estão intrinsecamente ligadas à racialização da sociedade brasileira. Podemos citar diversas, mas aqui gostaríamos de chamar atenção para dois: o acesso à terra e ao território e a autoafirmação da negritude.

A primeira consequência é marcante na nossa sociedade, resultante do projeto de desenvolvimento colonial escravista que durou, formalmente, 358 anos e não permitia o acesso às terras, afinal elas “enquanto meio de produção, fonte de riquezas e poder” (Lopes, 2021, p. 43) não deveriam ser desfrutadas por negros escravizados, construindo uma estrutura socioeconômica apropriada à exploração. Porém, as populações em condição de escravidão não ficaram inertes, construíram estratégias de luta em cada possibilidade, mas principalmente fugindo e construindo quilombos em todos os territórios brasileiro, em especial no Nordeste.

5788

Os diversos territórios e terras frutos das ocupações dos povos escravizados ou recém libertos, garantiram uma autonomia relativa de ressignificar os seus modos de vida no Brasil, trazendo consigo todas as cicatrizes, literais e metafóricas. No Baixo Sul da Bahia, local de realização do projeto, não foi diferente, território de identidade com diversos quilombos, posseiros, comunidades pesqueiras entre outros. Todavia, a expansão das propriedades existentes e/ou a instauração de novas, trouxeram, intensificadamente a partir de 1950, a grilagem, desterritorializando, matando e oprimido as populações locais, fazendo da memória desta população uma série de violências (Silva, 2019). As poucas comunidades ainda existentes, são frutos da luta pela terra e pelo território, seja na resiliência ao longo do tempo, seja pela reterritorialização (ocupações, acampamentos, assentamentos, entre outros).

A segunda se refere à problemáticas no campo da autoafirmação das subjetividades e da autoestima das identidades negras. Marcada pelo arquétipo de desalmados, representações do mal na terra, os depravados, os sujos e usurpadores, os feios e burros, as populações negras são marcadas por um imaginário (objetivo e subjetivo) de negações, resultado de séculos de políticas econômicas e sociais de embranquecimento.

Para essas pessoas, a Educação do Campo vai além de uma simples modalidade. É vista como um novo modelo educacional, estreitamente ligado aos projetos de crescimento dos territórios e das diversas populações que lá vivem, com suas lutas e identidades. De acordo com Fernandes e Molina, a “Educação do Campo é considerada um paradigma teórico aceito pela comunidade acadêmica, que está sendo adotado por várias instituições e se tornando um projeto de desenvolvimento territorial” (Fernandes e Molina, 2004, p. 2). Nesse sentido, conforme destacado por Brito (2023), a ETALC está implementando ações “para além dos muros”, visando potencializar o aprendizado dos alunos, sendo um desses esforços o chamado projeto Luanas Negras.

As ações do projeto deram-se graças ao coletivo de educadores da Escola Técnica de Agroecologia Luana de Carvalho - ETALC, à rede de Amigos da Luana e à Secretaria de promoção da Igualdade Racial - SEPROMI, por meio do edital Bahia Década Afrodescendente 20/21.

2. CONCEPÇÕES TEÓRICAS

A construção da escola do campo como um dos epicentros catalisadores de transformações, com a Agroecologia de forma transversal, é uma orientação do Setor de Educação do MST, no esforço da corporificação das palavras sintetizadas em torno da Educação do Campo, Agroecologia, Pedagogia do Movimento e ATER, sendo as Luanas Negras um resultado deste esforço (Freire, 2022; MST, 2014; Caldart, 2012).

O acesso à educação é uma bandeira de luta fundamental para os movimentos populares, pois o acesso ao conhecimento historicamente acumulado sempre foi restrito e/ou foi uma ferramenta ideológica de perpetuação da dominação da burguesia. Porém, a perspectiva não é só de acesso, o que já representaria um avanço, mas de construção de um projeto de educação voltada aos povos do campo. Caldart (2012) nos apresenta a Educação do Campo como:

[...] um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que tem implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de políticas públicas, de educação e de formação humana (Caldart, 2012, p. 257).

Assumir o diálogo com camponeses é também trazer à escola o(s) paradigma(s) da produção e suas implicações na vida em sua totalidade. É também analisar criticamente a realidade e construir propostas que cooperem para solucionar as crises catastróficas provocadas pela Modernização Conservadora e a Revolução Verde sobre eles (Delgado, 2012; Altieri, 2004). Dessa maneira, para construir tal diálogo de forma propositiva, a Agroecologia tornou-se uma das referências.

Caldart apresenta uma concepção de agroecologia que se define no entrelaçamento de três grandes elementos ou dimensões: prática, ciência e luta. Segundo a autora, a prática é fruto das diversas e longínquas experiências dos povos dos campos e das florestas, do conhecimento experimentado por gerações. A ciência vem calcada na reflexão segundo métodos e princípios científicos, em um processo dialógico entre os saberes dos povos e os acadêmicos, buscando dar categorias fundamentais, procedimentos, entre outros aspectos que compõem uma ciência. E por fim, a Agroecologia é uma práxis camponesa de enfrentamento, desde a luta por acesso à terra, às condições dignas de vida no campo e enfrentamento ao agronegócio (Caldart, 2019).

E segundo o MST, a agroecologia implica em um novo modelo de produção e de desenvolvimento tecnológico que se fundamenta numa relação de co-produção ser humano e natureza, na diversificação produtiva capaz de revigorar e promover a biodiversidade e em uma nova compreensão política do convívio e do aproveitamento social da natureza (MST, 2014, p. 33).

A necessidade de tecnologias que não estejam submetidas às lógicas e aos interesses do capital, provocou o fortalecimento de outras tecnologias, sendo agrupadas às chamadas Tecnologias Sociais (TS). Em seu livro, *Tecnologia Social, Agroecologia e Educação do Campo na promoção do saneamento rural*, Freitas e Sagato apud Loppes (2021) definem TS como:

[...] um conjunto de metodologias construtivas, infraestruturas e técnicas adotadas para a produção de um novo conhecimento baseado no diálogo com o saber popular – enraizado na práxis [...] utilizando ferramentas que estimulem e provocam a participação crítica e que parte do pressuposto de que todos os trabalhadores, homens e mulheres, envolvidos, são capazes de [...] desenvolver outras estruturas sociais que tenha sua base tecnológica direcionada pelos interesses objetivos e subjetivos do povo (Freitas e Sagato apud Loppes, 2021, p. 71 - 72).

As TS possuem a potencialidade de fortalecer a Agroecologia na luta por um modelo de desenvolvimento rural sustentável (Caporal, 2004), da superação de condições de trabalho degradantes e de apresentação de alternativas economicamente viáveis aos povos do campo.

Por possuir intencionalidade de replicação e de adaptação, as TS apresentam o potencial humanizador, com inovações na produção de conhecimento e no diálogo de soluções para o mesmo problema, permitindo, inclusive, resgatar soluções de antepassados.

Sendo os quintais produtivos um exemplo de TS, perpassando pela dinâmica e pelo modo de vida das famílias Sem Terra, é nele onde as famílias desenvolvem práticas agroecológicas, construindo caminhos rumo à autossuficiência e à soberania alimentar.

Segundo Leonel “os quintais agroecológicos são compreendidos como tecnologia social de acesso e manejos produtivos da terra, das águas, das sementes e da biodiversidade produtiva dos sistemas agrícolas” (Leonel, 2013, p. 11).

No debate quanto às funções e à importância dos quintais produtivos e da agroecologia no cotidiano camponês, a relevância das mulheres destaca-se sempre, uma vez que elas são as pioneiras na arte da agricultura há pelo menos 10 mil anos. Atualmente, as mulheres se destacam na produção diversificada de alimentos, uma vez que.

Pela educação que a mulher foi recebendo desde criança, ela aprendeu a administrar todo o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, o trabalho na lavoura, na organização da produção para auto sustento, ou seja, produções de alimentos saudáveis e diversificados que estão presentes todos os dias na mesa da família, ainda dedicam tempo para organização, para comunidade, e muitas vezes para a entre ajuda com as vizinhas, e amigos(as). Ao tomar consciência do valor do trabalho muitas mulheres começaram a contabilizar a produção de autossustento e se surpreenderam com a economia que gira na família, fruto do seu esforço e dedicação (Schmidt Janh; Santos; Collet, 2012, p. 30).

5791

Por fim, o Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS) é compreendido enquanto um processo gradual de mudança que encerra em sua construção e trajetória a consolidação de processos educativos e participativos que envolvem as populações rurais, conformando uma estratégia impulsionadora de dinâmicas socioeconômicas mais ajustadas ao imperativo ambiental, aos objetivos de equidade e aos pressupostos de solidariedade intra e intergeracional (Xavier, 2001). E para tal, a ETALC lança mão da ATER Agroecológica, pois ela:

[...] compõem-se a partir da intervenção planejada para a criação e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável, com destaque na participação popular, na agricultura familiar e nos princípios da Agroecologia como direcionamento para a elevação de estilos de agricultura socioambiental e economicamente sustentáveis (Haroldo, 2013, p. 28).

A corporificação dessas bases conceituais e epistemológicas só é possível mediante uma postura educadora coerente, transformadora e crítica, assumindo o lado dos oprimidos e todas consequências político-pedagógicas (Freire, 2022). Neste sentido, tomamos como base

a Educação Popular, pois ela “adota a concepção dialética onde a pergunta concreta do presente, inspira-se na prática social acumulada (ciência, teoria, história) para projetar uma saída” (CEPIS, 2008, p. 4).

3. METODOLOGIA

O caminho metodológico percorrido foi de natureza de sistematização e debruçou-se sobre o Projeto Luana Negras, desenvolvido entre abril de 2022 e junho de 2023, no Assentamento Lucas Dantas, área conquistada pelo Movimento dos trabalhadores/as Rurais Sem Terra (MST), na cidade de Ituberá, Bahia, por educadores/as da Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho.

Em seu livro *Para sistematizar Experiência*, Holliday (2006) nos afirma que:

O tema da metodologia [da sistematização], na realidade, tem a ver com um conjunto de elementos teóricos e práticos que se ‘entrecruzam’ quando pretendemos executar uma proposta de sistematização: **a concepção** (do processo de conhecimento, do processo social, do que é sistematizar), **as categorias** que se utilizam (para o ordenamento ou a interpretação da experiência), **a sequência lógica** de passos ou momentos previstos, as técnicas e procedimentos operativos de cada passo, etc (Holliday, 2006, p. 17) (grifos do autor).

5792

Foram utilizados como fonte o acervo da ETALC, contendo proposta enviada ao financiador do projeto, os relatórios parciais e finais, as fotos, os relatórios e os planejamentos da equipe de ATER e os materiais publicados nas redes sociais, sendo fotos, vídeos e/ou textos.

4. SISTEMATIZAÇÃO DO PROJETO

O projeto teve a duração total de 14 meses, entre o período de abril de 2022 e junho de 2023. As ações foram desenvolvidas no Assentamento Lucas Dantas (13°47'32.55"S - 39°16'38.38"O), Ituberá, território do Baixo Sul da Bahia. A equipe envolvida nas ações de ATER foi composta por educadores e egressos da ETALC e ao longo da execução do projeto, 16 famílias foram beneficiadas diretamente.

A seleção das beneficiárias do projeto seguiu critérios que envolveram a questão de gênero, faixa etária e racial, sendo estes, pressupostos do Edital. Sendo este o ponto principal, foi dialogado com a coordenação do assentamento, em que algumas famílias foram indicadas.

Após a assembleia de pactuação do projeto, das 16 famílias mobilizadas, 12 eram jovens entre 15 a 29 anos, correspondente a 31% dos assistidos pelo projeto, dos quais 71% se autodeclararam negras e 57% mulheres.

Para fins de organização, planejamento, logística e atendimento da equipe de ATER, as famílias foram organizadas em Núcleos de Base (NB), compondo assim 4 núcleos, com 4 famílias em cada. O critério de agrupamento se deu pela proximidade geográfica e afinidades pessoais, a fim de se garantir mais efetividade nas ações.

Figura 1: Assembleia de pactuação



Fonte: Acervo da ETALC (2022).

No primeiro momento a presença e a participação ativa da equipe de ATER em conjunto com as lideranças do Assentamento, minimizou problemas e percalços quanto às mediações com as famílias e a organização dos NB, evitando desgastes e fortalecendo a organicidade presente no assentamento, o que dinamizou o atendimento individual e fomentou ainda mais a cooperação entre os NB e entre as famílias do assentamento. A construção participativa dos PTA ajudou na compreensão da realidade e no atendimento às demandas das famílias.

Após a organização dos NB, a etapa seguinte foi a elaboração de um diagnóstico, em que foi traçado o perfil das beneficiárias e de suas famílias, buscando provocar reflexões de como, onde e o que implantar no quintal, sabendo-se que o recurso (fomento) seria limitado. Desta forma, por meio da aplicação do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), foi possível identificar as condições de espaço disponível, o tempo da família para se dedicar à atividade, as atividades já existentes nos quintais, buscando sempre otimizar os recursos disponíveis.

Por fim, foram identificados e organizados dois grupos de interesse principal: o de criação de galinhas (corte e postura), sendo este o grupo majoritário e o de implantação de horta.

Na etapa seguinte ao diagnóstico e frente a todas as informações levantadas através do DRP, a equipe de ATER formulou propostas compatíveis com a realidade de cada família, tendo como ponto central os recursos disponíveis e a perspectiva agroecológica, compondo assim, os denominados Planos de Transição Agroecológicas (PTA). Sendo este, o segundo instrumento principal no planejamento e na execução do projeto, sendo o primeiro, a criação dos Núcleos de Base.

O DRP identificou a criação de “galinha da terra” como atividade predominante, sendo realizada, em alguns casos, de forma rústica (sem galinheiro - as galinhas empoleiram em árvores - colocam ovos em locais aleatórios). Além disso, houve relatos de baixa produtividade e de altas perdas por predação. Notou-se que as atividades do quintal são exercidas majoritariamente pelas mulheres, dentre elas, a criação de aves, que segundo (Sales, 2005):

Está intimamente envolvida na questão de gênero. As mulheres agricultoras geralmente suprem certas necessidades básicas através da venda de frangos e ovos, que se constitui em pequenas entradas semanais ou esporádicas, resultando num importante complemento de receita, muitas vezes ignorado ou desprezado no cálculo da renda monetária (Sales, 2005, p. 217).

5794

Dessa forma, foram propostos galinheiros que se adequassem à média do número de aves criadas, às condições do terreno e à área disponível para cada família, buscando alternativas aos modelos geralmente disponíveis, nos quais são implantados grandes galinheiros que, na maioria das vezes, acabam sendo subutilizados posteriormente. A proposta da equipe de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) foi desenvolver uma estrutura que possibilitasse a separação dos ciclos de desenvolvimento das aves (criação, crescimento, engorda/postura) e oferecesse uma área externa onde as aves pudessem pastar e exercitar seus instintos, fugindo assim da lógica do total confinamento. Para tanto, foi realizada uma oficina com o intuito de debater os aspectos desse modelo de criação, suas vantagens e desvantagens, bem como a adequação das raças disponíveis no mercado.

O segundo grupo, composto por duas famílias que optaram pela opção da horta agroecológica, já tinham experiências anteriores, entretanto conflituosas principalmente pela questão dos vizinhos criarem suas galinhas soltas, e que por vezes, acabam destruindo e consumindo suas hortaliças. A equipe de ATER propôs a requalificação da cerca da horta,

criando assim, uma barreira às galinhas alheias. Foram entregues também insumos como cama de aviário e calcário dolomítico, entre outros insumos e ferramentas.

Foram organizados mutirões entre as famílias beneficiárias e a equipe de ATER, em que realizou-se algumas tarefas, como a retirada de madeira em lotes previamente identificados, onde o processo de raleamento já havia sido feito, evitando a necessidade de desmatamentos e a utilização de materiais que seriam subutilizados ou descartados. Posteriormente, com a utilização do trator do assentamento, foram recolhidas e destinadas aos quintais.

Na etapa de construção dos galinheiros, foram pautados dois modelos que se enquadram melhor diante da realidade de cada família, sendo eles em alvenaria no nível do solo e elevado em relação ao solo (feito de madeira), sendo o último indicado para locais úmidos e por onde há caminhos de águas (de louça, roupas, etc), garantindo uma melhor ambiência aos animais.

Após revisão e finalização dos PTA (assinados pelas beneficiárias), com os insumos entregues e os materiais já destinados às famílias, teve início a fase de construção dos galinheiros e das hortas. Iniciou-se com as famílias que residem próximo à sede do assentamento, em seguida com as famílias que residem na “avenida” do assentamento.

5795

Cada construção foi um momento à parte, pois foi se desenvolvendo a expertise, a mobilização das beneficiárias, momentos de trocas de experiências e sociabilidades, envolvendo os vizinhos (não beneficiários), as crianças da comunidade e a equipe de ATER.

Os recursos foram utilizados segundo o planejado pela equipe de ATER em conjunto com as famílias, direcionando-os conforme necessário. Tática indispensável, já que muitos deles poderiam ganhar “novas utilidades” e acabarem sendo utilizados de outras formas que não foi a pactuada nos PTA. Dessa forma, a cada compra realizada, a família e a equipe de ATER tinham o controle e o acompanhamento do recurso utilizado, mediante a autorização da família em realizar a compra de determinados materiais ou não.

Na trajetória rumo à transição agroecológica, o diálogo com as práticas já existentes tem que se fazer ativo, mesmo que haja aspectos da agricultura convencional sendo empregados, uma vez que o primeiro passo para a transição seja o uso consciente dos insumos para posteriormente propor medidas alternativas à sua utilização e a utilização de técnicas agroecológicas. Como ressalta Gliessman (2002), a conversão de sistemas convencionais para os de base agroecológicas ocorrem em três níveis: 1º aumento da eficiência na utilização de práticas convencionais (reduzir o uso e consumo de insumos caros

e ambientalmente danosos); 2º Substituição total ou parcial de técnicas e insumos convencionais por insumos de base agroecológicas (como biofertilizantes, caldas e técnicas de manejo); 3º redesenho do agroecossistema com vistas ao funcionamento sob um conjunto de processos ecológicos. .

Entretanto, conforme Sales (2005), o processo de construir sistemas agroecológicos ocorrem em diferentes formas, conforme as especificidades locais, respeitando as condições e as características socioambientais, culturais, sociais e econômicas locais, quebra e construção de novos paradigmas, mudanças de princípios, para enfim uma mudança na base técnica.

Desta forma, Caporal e Costabeber (2004) trazem a agroecologia como disciplina capaz de fornecer as bases de conhecimentos necessários na concepção e na implementação de sistemas agrícolas ecológicos. Trazendo uma abordagem holística e de longo prazo, percebendo as nuances da sustentabilidade em sua complexidade multidimensional.

Durante a execução do projeto, foram traçadas cinco principais metas, não necessariamente lineares, sendo elas: aquisição e distribuição dos insumos para os QPF; oferta de ATER (assessoria técnica e extensão rural) para as beneficiárias; realização de minicursos sobre produção agroecológica de aves e de formação sobre a temática étnico-racial; produção versão digital da Cartilha Luanas Negras e a sistematização da experiência em material audiovisual, disponível nas redes sociais.

5796

4.1 Aquisição de insumos e distribuição para os Quintais Produtivos Familiares

No edital, estavam previstos recursos que não atenderiam minimamente 10 famílias beneficiárias. No entanto, com a ajuda da Rede dos Amigos da Luana, foi possível ampliar esse número para 16 famílias, com recursos suficientes para todas. Isso representou um aumento efetivo de 60%. Dentre os materiais adquiridos com os recursos mobilizados para as beneficiárias do projeto, incluem-se itens estruturais (bloco, areia, cimento, telha), insumos (adubo, semente, pintainhos) e ferramentas (carrinho de mão, enxada, sapatão). A listagem, permissão e compra dos materiais foram conduzidas por meio de um processo de constante diálogo entre o corpo técnico e as famílias, abrangendo as etapas de aquisição e distribuição dos insumos para os QPF. Com o acompanhamento contínuo da equipe de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), numa perspectiva de Educação Popular, foi possível agregar e fortalecer as iniciativas já existentes no contexto de cada família.

4.2 Ofertar ATER para os Quintais Produtivos Familiares

A primeira ação do projeto foi a realização de uma assembleia, na qual as pessoas, incluindo as beneficiárias do projeto, os assentados e a equipe de ATER envolvida, dialogaram sobre os principais objetivos, utilizando comunicação direta e popular, selando e pactuando acordos coletivos relacionados ao desenvolvimento das etapas do projeto, buscando a constante participação e o protagonismo das beneficiárias.

O produto gerado pelas primeiras visitas técnicas aos quintais familiares, em termos de diagnóstico e intervenção, foi a elaboração de 16 PTA (Planos de Transição Agroecológica), que foram elaborados *in loco* em conjunto com as famílias beneficiárias, buscando a máxima especificidade em relação às necessidades de cada família. Vale ressaltar que só foi possível acessar as 16 famílias através da parceria com a Rede de Amigos da Luana.

Logo após a entrega dos materiais e insumos, a equipe de ATER, em conjunto com as beneficiárias do projeto, dinamizou o processo de construção, partindo da teoria para a prática. Em média, foram realizadas quatro visitas por QPF, visando a qualificação estrutural das hortas e galinheiros a serem implantados. Ressalta-se aqui que a dinamização desse processo foi imprescindível para o sucesso da implantação dos quintais, uma vez que é comum que os materiais adquiridos em projetos sejam destinados a outros usos, prática recorrente quando os recursos são limitados e as demandas estão acumuladas.

Posteriormente à estruturação, houve, por QPF, uma média de cinco entregas de insumos para produção. No caso dos galinheiros, podemos citar: pintos de dupla aptidão, ração, bebedouros, etc.; e no caso das hortas, podemos citar: sementes, adubos, enxadas, etc. Estes insumos garantiram os ciclos produtivos iniciais, assegurando que as qualificações fossem utilizadas e gerando rendimento.

Durante o período de construção e/ou qualificação das estruturas nos QPF, ocorreram momentos muito enriquecedores de interação humana, nos quais houve trocas, diálogos, debates e explicações entre a equipe de ATER e as beneficiárias do projeto, e vice-versa. Assim, sucederam-se as orientações de planejamento/fazer e (re)planejamento, em um processo de escuta e cumprimento de objetivos, frutos do acordo coletivo.

Por fim, mas não menos importante, em articulação com a Rede Povos das Matas, foi realizada na Escola Luana Carvalho, uma oficina sobre certificação participativa e orgânica. O objetivo alcançado neste momento foi o aprofundamento da organização da produção para

alcançar o status de agroecológica e orgânica, enumerando os diversos benefícios disso. Quatro famílias demonstraram interesse em continuar neste caminho.

O contínuo acompanhamento da equipe de ATER, a participação nas assembleias do assentamento, a captação de recursos, o diálogo com parcerias, o compromisso nas entregas de materiais ao longo do projeto, a avaliação das condições sanitárias e o desenvolvimento das aves, entre outras ações, garantiram a permanência do projeto até seu término de acompanhamento.

4.3 Realizar minicurso de formação sobre racismo com beneficiários

O minicurso foi realizado em novembro e a sua programação foi adaptada visando potencializar a ação, para além das famílias dos Quintais Produtivos. Portanto, o minicurso se inseriu na programação do Novembro Negro da ETALC. Teve também atividade na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jubiabá.

A programação do minicurso se desdobrou em diferentes momentos e abrangeu diferentes linguagens, desde palestras que vincularam a questão racial, agrária, território do baixo sul e trajetórias das mulheres negras (com uma atividade posterior, em anexo), oficinas (capoeira, musicalidade, tranças) e apresentações de estudantes que socializaram os trabalhos realizados durante o Novembro Negro.

5798

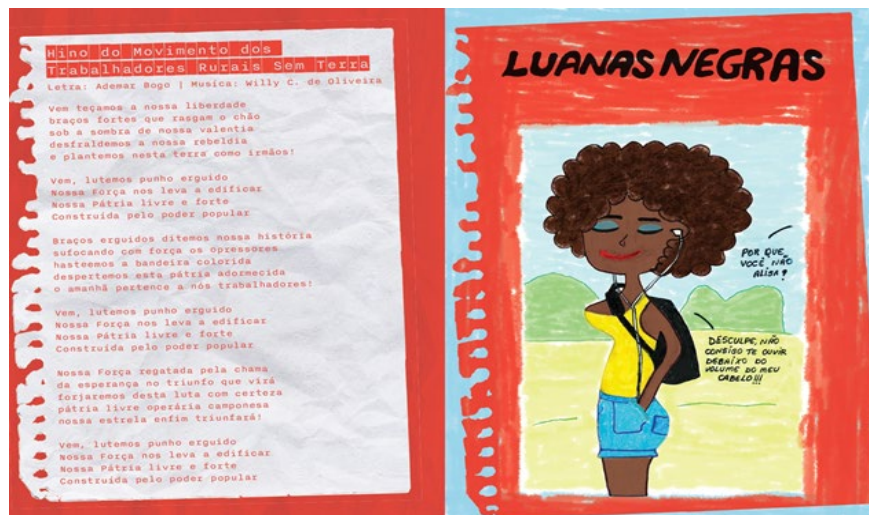
4.4 Produção da versão digital da cartilha Luanas Negras

Discutir as relações étnico-raciais faz parte do currículo da Escola Luana Carvalho, não apenas durante o mês de novembro, mês dedicado ao dia da Consciência Negra, mas durante todo o ano letivo. Em 2019, durante as atividades que culminaram no dia 20/11, educadores e educadoras conduziram os estudantes na produção de um fanzine com dados, informações e conceitos importantes sobre a temática, relacionando às disciplinas. Em 2022, ano de realização do projeto Luanas Negras, decidimos incluir a ampliação do fanzine nos objetivos, contemplando a intersecção entre a raça e a luta pela terra. Tal decisão significou um grande avanço no debate sobre as questões raciais nos assentamentos, acampamentos e escolas do Movimento Sem Terra, visto que democratizou o acesso sobre a temática racial em áreas formadas por pessoas majoritariamente pretas e pardas.

Em 2023, com o auxílio do projeto para diagramação, conseguimos qualificar o fanzine e transformá-lo em cartilha. Considerado pela equipe da escola um excelente

instrumento didático para a materialização da lei 10.639/03, decidimos encontrar meios para impressão e distribuição em massa nas escolas do campo, em especial em escolas localizadas em áreas de reforma agrária. Nessa perspectiva, em 2024, por meio da parceria com a Escola da Terra, foi feita a impressão de 1.000 exemplares.

Figura 2: Capa da cartilha Luanas Negras.



Fonte: Acervo da ETALC (2022).

Ao longo de cinco anos no processo de construção e qualificação da cartilha Luanas Negras, avaliamos que demos um importante passo para a discussão em torno das questões raciais sob o viés dos sujeitos que protagonizam a luta por uma sociedade antirracista.

4.5 Sistematizar a experiência em audiovisual

A experiência dos quintais produtivos das Luanas Negras foi sistematizada através de um vídeo documentário de 10 minutos que traz imagens e depoimentos do processo de construção dos quintais e alguns dos resultados, mostrando a importância do trabalho desenvolvido. Foi divulgado na página do Facebook e no Youtube¹ da Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho.

Este documentário demonstrou a potente valorização dos sujeitos, não somente como beneficiárias, mas dando caras, rostos, raça e gênero. Abriu espaço para reconhecimento do trabalho das pessoas e oportunizou um ótimo material para cineclubismo rural e material para aulas sobre criação de galinhas, auto-organização, educação popular e poder popular.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XR3q-WQqFZA>> Acesso em: 20/04/2024

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção da Educação do Campo e da Agroecologia, potencializar os papéis dos diferentes sujeitos é fundamental, catalisando os processos de intervenção na realidade de forma mais rápida, democrática e construtiva de processos educativos acumulativos para enfrentar os diversos desafios da classe trabalhadora.

O projeto materializa um vínculo e compromisso da Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho com a transformação da realidade, na prática, na educação popular, comprometida em ser mais um dos diversos esforços da classe trabalhadora e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra para consolidar uma epistemologia da educação em que acreditamos.

A práxis agroecológica em outros espaços, transcendendo o perímetro do prédio escolar, potencializa as estratégias de desenvolvimento. Nas visitas técnicas, a educação popular e o diálogo de conhecimentos valorizam as expertises e oportunizam que a diferença de cada sujeito, por suas trajetórias, seja fortalecida e, paradoxalmente, seja submetida ao crivo da criticidade na construção de soluções. O projeto demonstrou a importância e relevância na construção de respostas concretas aos desafios enfrentados pelas beneficiárias. O processo participativo na construção dos PTA fortaleceu o debate sobre a produção, na perspectiva da transição agroecológica, principalmente na criação de galinha caipira.

As qualificações e insumos entregues às beneficiárias do projeto, dialeticamente, potencializam a estruturação de condições mínimas de trabalho e produção, resgatando antigos desejos de melhoria em seus quintais e impactando não apenas nas objetividades, mas também nas dimensões de autoestima e embelezamento dos quintais, além da segurança alimentar.

O minicurso sobre questão racial traçou um panorama sobre o contexto da realidade do povo negro no território, evidenciando os processos ocorridos a partir do ano de 1960, explicitando conflitos agrários e relatando violências sofridas por parentes mais velhos, conforme narrados pelos próprios moradores.

Sendo um resultado de um conjunto de esforços, o projeto destacou a importância do diálogo entre diversos saberes: científico, técnico e popular. Além disso, permitiu uma atuação mais efetiva da Escola no assentamento, aproximando o coletivo de educadores/as, estudantes e famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismos Estrutural**. Editora Jandaíra, 2020.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4.ed. – Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.
- BRITO, Fabrício Ribeiro Caires. **O trabalho como princípio educativo na Escola Luana Carvalho**. Dissertação Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia Programa De Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional Em Educação Do Campo. Amargosa, BA, 2023.
- CALDART, R.S. **Agroecologia nas Escolas de Educação Básica: fortalecendo a resistência ativa!** Exposição realizada no VIII Encontro Estadual de Educadoras e Educadores de Assentamentos de Reforma Agrária do MST. Nova Santa Rita-RS, 2019.
- CALDART, Roseli Salete *et al.* **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão popular, 2012.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns princípios e conceitos**. EMBRAPA, Brasília, 2004.
- CEPIS. **Cartilha: Educação Popular e Movimento Popular**. São Paulo: CEPIS, 2008.
- DELGADO, Guilherme Costa. **Do “capital financeiro na agricultura” à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965 - 2012)**. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2012.
- FERNÁNDEZ, Simón; GARCIA, Xavier Dominguez Dolores. **A Extensão Rural agroecológica sob o desenvolvimento sustentável**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.2, n.2, p.: 17 a 26, abr./jun.2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 81. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2012.
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Turrialba, C.R: CATIE, 2002.
- HAROLSO, WILSON da SILVA. A Extensão Rural Agroecológica sob o Desenvolvimento Sustentável. **Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável (RBAS)**, v.3, n.1, p.25-29, Julho, 2013.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências** / Oscar Jara Holliday; tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006.
- LEONEL, Junia Conceição. **Quintais para a vida: agroecologia e convivência com o semiárido**. Fortaleza: CETRA, 2014.

LOPES, Tássio Gabriel Ribeiro. **Desenvolvimento e manejo de tecnologias sociais de base agroecológica na promoção do saneamento rural em Ituberá, Bahia**. Dissertação Universidade Federal da Bahia Escola Politécnica, Mestrado em Meio Ambiente, Águas e Saneamento - MAASA. Salvador, 2020.

MST. **Cadernos de Agroecologia - vol. 1**. Plantar árvores, produzir alimentos saudáveis. Instituto Cultivar, 2020.

_____. **Princípios da Educação no MST** (Caderno de Formação nº 8). Porto Alegre: Setor de Educação, 1996.

_____. **Programa Agrário do MST**. São Paulo: MST, 2014.

SALES, Marcia Neves Guelber. **Criação de galinhas em sistemas agroecológicos**. Vitória-ES: Incaper, 2005. Disponível em: <<https://biblioteca.incaper.es.gov.br/digital/bitstream/item/791/1/livrocriacaodegalinhamarcia-sales.pdf>> Acesso em: 20 de Abril de 2024.

SCHMIDT, C.; JANH, E. F.; SANTOS, G. R.; *et al.* **Economia (in) Visível das Mulheres camponesas**. Passo Fundo, 2012.

SILVA, Egnaldo Rocha da. **Comunidades negras: conflitos e luta pela terra**. São Paulo: Annablume, 2019.

Autor 1:

Fabício Ribeiro Caires Brito

5802



Coordenação do Projeto Luanas Negras, educador da Escola Luana Carvalho, Tecnólogo em Agroecologia (UFRB) e Mestre em Educação do Campo (UFRB). Educador e militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Email: fabriiciobrito@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7447142610401429>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5209-2532>

Autor 2:

Adriano Coelho de Almeida



Técnico de ATER, Tecnólogo em Agroecologia (UFRB),

Email: adriano.agroecol@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2246774829952690>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9403-0231>

Autor 3:

Viviane de Jesus Barbosa



Educadora da Escola Luana Carvalho, Militante do Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, Graduada em Letras (UESC), Mestra em Letras/Estudos Literários (Unimontes).

Email: vivianebarbosa243@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6407781061382151>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7434-0460>